

*Trabalho
especial*

ANSELM KIEFER NO GRAND PALAIS: FIRMAMENTOS TANGÍVEIS

Nikoleta Kerinska*

Resumo

A ideia de conceber um projeto artístico em função de um espaço expositivo específico persiste na arte contemporânea até o ponto de tornar-se um ponto de partida na realização da obra. O presente texto é um relato crítico sobre a exposição de Anselm Kiefer na galeria principal de Grand Palais em Paris em 2007. A intenção deste artigo é de lançar um olhar sensível sobre a produção recente do artista e sobre as relações estabelecidas entre as instalações artísticas e o espaço expositivo.

Palavras-chave: Arte contemporânea. Instalação. Arquitetura.

ANSELM KIEFER (BIOGRAFIA)

« Je ne peux rien faire d'autre que ce qui passe à travers moi. »

Anselm Kiefer é nascido em 1945 na Alemanha, onde estudou direito, literatura e linguística, antes de iniciar seus estudos na escola de Belas Artes de Karlsruhe e mais tarde em Düsseldorf, onde foi aluno de Joseph Beuys. No início dos anos 70, Kiefer investiga a identidade alemã pós-guerra. Em algumas pinturas deste período, Kiefer faz referência à Alemanha Fascista e sobretudo a Hitler. Isto é considerado como um ato provocativo por certos críticos de arte. Nas décadas seguintes, Kiefer expõe diversas pinturas na galeria Marian Goodman em Nova York, e rapidamente torna-se um artista muito bem cotado no mercado internacional de pintura. Suas pinturas, frequentemente vistas como neo-expressionistas, são executadas em escalas monumentais e são marcadas por uma energia apaixonante. Atualmente, Kiefer mora e trabalha em Barjac (França) e, além da pintura, dedica-se à escultura e à instalação.



No centro de Paris, entre o rio Sena e o começo da Avenida Champs-Élysée, parte do conjunto de construções faustuosas, encontra-se *Grand Palais* – um formidável exemplo da arquitetura da Arte Nova¹ e da ascensão econômica da França do final do século 19. Resultado de um concurso organizado pelo governo francês em 1896, o projeto do *Grand Palais* objetivou uma construção que abrigaria a Exposição Industrial de 1900 e de uma maneira geral, serviria como sala de exposições, festas e concursos de todos os tipos. Construído em ferro, vidro e concreto, *Grand Palais* é um gigantesco templo da modernidade, que incorpora os gostos da *Belle Époque*, assim como a conhecemos nos desenhos de Aubrey Beardsley e nos cartazes de Alfons Mucha.

* Professora no departamento de Artes de Universidade Federal de Uberlândia, doutoranda na Universidade de Paris 1 Panthéon-Sorbonne; nkerinska@hotmail.com

O espaço de exposição é composto por duas naves (sul e norte) unidas por uma galeria principal com comprimento de 100 metros e largura de 50. Todo conjunto arquitetônico apresenta uma elegante composição de ornamentos orgânicos e motivos florais moldados em ferro. Entrando no hall principal do *Grand Palais* experimentamos a sensação de estar ao ar livre, uma vez que sua abóbada de vidro armado oferece uma vista aberta para o céu de Paris. Dessa maneira, podem ser apreciadas as sutilezas da iluminação natural ao longo do dia, que a cada momento transforma a plasticidade do espaço expositivo.

Nos meses de maio a julho de 2007, *Grand Palais* recebe a primeira edição de *Monumenta*². Trata-se de uma ambiciosa mostra de trabalhos artísticos de Anselm Kiefer. Ao primeiro contato, a mostra impõe-se pela magnificência de suas proporções distantes da escala humana, porém muito bem arranjada em relação ao espaço expositivo. Fragmentando o salão principal do Grande Palais, Kiefer constrói uma sequência de



Fig. 1 Salão principal do Grand Palais e vista para a instalação *Sternenfall*

ambientes narrativos para instalar sejam suas pinturas, sejam suas composições tridimensionais.

O percurso começa pela instalação intitulada *Sternenfall* (Queda de estrelas), que nomeia a totalidade de trabalhos expostos. Sob esse título expressamente poético, apresenta-se um conjunto de blocos de cimento e malhas de aço, misturados com estilhas de vidro e placas de metal. Encontramo-nos diante de uma sucessão de materiais esmagados pelo seu próprio peso. A composição termina com uma estrutura composta por paredes de concreto pré-moldado, na qual reconhecemos os vestígios de conjuntos habitacionais.

Desses escombros, emana uma solidão distante, talvez a solidão de um passado ainda vivido e pouco compartilhado. A destruição, como se fosse um ato acidental, é seguida pelo abandono. O cenário remete à memória da Europa devastada pela Guerra – uma associação direta, simples e inevitável – que num momento posterior demanda uma reflexão simbólica. Podemos ler nessas construções despedaçadas uma decomposição da memória: as lembranças coletadas ao longo da vida, cuja matéria se metamorfoseia e decompõe-se em ruínas.

Um desdobramento conceitual de *Sternenfall* é a instalação *Sonnenschiff* (Navio do Sol). Dessa vez, temos uma composição arquitetônica de módulos de cimento sobrepostos. Essa construção de ritmo desigual apresenta um corpo rígido e erguido do qual brotam múltiplos talos de girassóis. Cria-se um intrigante contraste entre as plantas secas, que parecem ter nascido naturalmente das superfícies calcárias. Os girassóis não seguem o sol no seu percurso diário, eles testemunham uma das características mais marcantes da contemporaneidade – o estranho amálgama entre artificial e natural. Por meio do diálogo entre o saber técnico do homem e o misterioso princípio da natureza, o artista investiga a essência do nosso tempo. *O navio do sol* é uma pergunta lançada ao futuro, um momento de curiosidade e expectativa; uma edificação cujo interior seduz como um esconderijo.

Entre essas duas instalações, encontramos os corpos sólidos de cubos cobertos por superfícies metálicas, denominados pelo artista de “maisons” (casas). Nada mais exato do que essa denominação para indicar as galerias, que denunciam a excelência da construção concebida pela mão do homem. Marcadas por uma beleza postiça, elas oferecem espaços reservados nos quais Kiefer materializa suas ideias. O espaço interior do *Grand Palais* é transformado pela simetria das “casas”. Organizadas tematicamente, por um lado, elas convidam o espectador a experimentar narrativas diferentes; por outro, elas formam percursos complexos em cujas leituras submergimos sem perceber. Não nos perdemos no espaço e sim, no conto, na estória que nos aguarda no interior de cada casa. Narrativas densas, repletas de símbolos e significados, denunciam um artista que se nutre simultaneamente dos mitos germânicos, da religião

hebraica e da poesia do século XX. Títulos como *As duas torres*, *O segredo das samambaias* e *País de neblina* desvendam dimensões parciais da meditação poética de Kiefer.

Um trabalho intrigante é *Dimanche de rameau* (Domingo de Ramos). É evidente que, com esse título o artista faz uma alusão à festa cristã denominada Domingo de Ramos e da Paixão. Ela marca o início da Semana Santa e celebra a entrada de Jesus em Jerusalém. Segundo o conto bíblico, a multidão que recebeu Jesus cortou ramos de árvores, ramagens e folhas de palmeiras para cobrir o chão por onde ele passava.

Em *Dimanche de rameau*, Kiefer apresenta uma série de imagens pictóricas que abandonam o plano bidimensional para dar voz à matéria – imagens de pigmentos naturais, moldados com terra e plantas secas. Montadas umas ao lado de outras, elas formam uma superfície de



Fig. 2 Instalação Sternenfall



Fig. 3 Instalação Dimanche de rameau

plasticidade impactante, que envolve o espectador no seu jogo espacial. A organização das imagens não nos permite observá-las separadamente. Precisamos nos deslocar no espaço para poder investigar a unicidade de cada pintura, não obstante, no ato de contemplação nos sentimos engolidos por essas texturas de matéria prima, arrancadas da natureza e submetidas à imaginação.

O tronco de uma palmeira está deitado em frente às imagens – uma versão tridimensional das pinturas de Kiefer em tamanho natural. Suas folhas esticam-se pelo chão, enquanto as raízes formam um corpo sólido. Nessa posição pouco comum, a palmeira parece adormecida. Ela não é mais uma árvore, mesmo preservando sua integralidade das raízes à folhagem; ela é um corpo em repouso, esbelto e seco, uma verdadeira múmia de um mito, há muito, enraizado no homem ocidental.

Kiefer é um admirador da literatura. Mais do que isso – ele venera a prática literária. O amor, tanto pela concepção conceitual e simbólica da escrita, como pela materialidade do livro, transpira em toda a mostra de *Monumenta* 2007. A escrita objeto, a escrita conceito e a totalidade do universo literário são para o artista uma inesgotável fonte de reflexão e inspiração. Alguns trabalhos inéditos são dedicados aos poetas Paul Celan e Ingeborg Bachmann. Encontramos os versos dos poetas encarnados nas imagens pictóricas de Kiefer. As dolorosas memórias da recente história da Alemanha emergem nesse diálogo a três. Testemunhas da segunda guerra mundial e da posterior reconstrução da Alemanha, Paul Celan e Ingeborg Bachmann são investigados pelo artista de uma maneira insistente. Entretanto, Kiefer demonstra uma proximidade extrema entre seu trabalho plástico e a poesia de Celan e de Bachmann. Podemos definir essa proximidade como uma



Fig. 4 Instalação Dimanche de rameau

integração completa na qual não diferenciamos mais a individualidade dos discursos poéticos.

Kiefer é um artista que manipula uma considerável quantidade de informações e que nos instiga a desvendar as narrativas, a interpretar os símbolos e a saborear a matéria. Ele é inquieto e complexo, um criador, experimentador de diversos desafios intelectuais, e que de um jeito ambíguo se posiciona entre o princípio primordial da natureza e a complexidade simbólica dos humanos. Confrontamo-nos com o ciclo vital de um pensador, o qual se alimenta dos signos e das ideias que ele mesmo cria. As escalas de suas criações são monumentais, portanto vivemo-las com nosso corpo, que sem perceber afunda na densa formulação conceitual. A mente segue a viagem marcada por uma indescritível experiência visual, resultado do exercício artístico.

Entre a fragilidade do conceito e a existência plástica da matéria, descobrimos um discurso universal do artista, buscando sua essência, sua escala, sua projeção no tempo, ou melhor, além do tempo.

ANSELM KIEFER AT THE GRAND PALAIS: TANGIBLE FIRMAMENTS

Abstract

The idea of designing an art project in light of a specific exhibition area persists in contemporary art, becoming a starting point in carrying out the work. This text is a critical report about the exhibition of Anselm Kiefer in the main gallery of Grand Palais in Paris, 2007. The article's aim is to exanimate the recent production of this artist and to point out the relationship between the artist's intentions and the exhibition area of the gallery.

Key words: Contemporary art. Installation. Architecture.

NOTAS

- 1 Arte Nova ou *L'Art Nouveau* é um estilo artístico que surge na Europa no final do século 19 e no início do século 20. Os motivos florais, os ornamentos arabescos e outros elementos decorativos, como também a estilização peculiar das formas, são algumas das suas características principais. Alguns dos seus representantes são René Lalique, Gustav Klimt, Victor Horta, William Morris, John Ruskin, Alfons Mucha, Henry van de Velde.
- 2 Monumenta é um projeto do Ministério da Cultura da França, que propõe encontros anuais com artistas contemporâneos de renome internacional. A exposição é realizada na nave principal de Grand Palais, e tem por objetivo mostrar a produção recente e inédita do artista em questão. Durante o período da exposição, a programação de Monumenta inclui uma série de palestras, mesas redondas e fóruns educativos. Anselm Kiefer é o primeiro artista convidado para a edição do ano de 2007, e será seguido por Richard Serra em 2008 e Christian Boltanski em 2009.

Enviado em 12 de novembro de 2008

Aprovado em 4 de fevereiro de 2009

